

MONTAIGNE

ENSAIOS

VOLUME II

Traduzido do francês por HUGO BARROS

Prefácio de ALBERT THIBAUDET

Índice

<i>Prefácio</i> – O lugar dos «Ensaio»	ix
--	----

LIVRO II

Capítulo I – Da inconstância das nossas acções	17
Capítulo II – Da embriaguez	27
Capítulo III – Um costume da ilha de Ceos	39
Capítulo IV – «Deixe-se para amanhã»	55
Capítulo V – Da consciência	59
Capítulo VI – Da exercitação	65
Capítulo VII – Das recompensas honoríficas	79
Capítulo VIII – Do affecto dos pais para com os filhos	83
Capítulo IX – Das armas dos Partos	105
Capítulo X – Dos livros	111
Capítulo XI – Da crueldade	127
Capítulo XII – Apologia de Raymond Sebond	145
Capítulo XIII – Do julgar da morte dos outros	363
Capítulo XIV – Como o nosso espírito se embaraça a si mesmo	371
Capítulo XV – Que a dificuldade aumenta o nosso desejo	373

ÍNDICE

Capítulo XVI – Da glória	381
Capítulo XVII – Da presunção	399
Capítulo XVIII – Do desmentido	437
Capítulo XIX – Da liberdade de consciência	443
Capítulo XX – Nada do que experimentamos é puro	449
Capítulo XXI – Contra a mandriice	455
Capítulo XXII – Das postas.	459
Capítulo XXIII – Dos maus meios empregues para um fim bom. . .	461
Capítulo XXIV – Da grandeza romana	467
Capítulo XXV – Que não se deve fingir estar doente	469
Capítulo XXVI – Dos polegares	473
Capítulo XXVII – A cobardia, mãe da crueldade	475
Capítulo XXVIII – Todas as coisas têm o seu tempo	487
Capítulo XXIX – Da virtude	491
Capítulo XXX – Sobre uma criança monstruosa	501
Capítulo XXXI – Da cólera	503
Capítulo XXXII – Defesa de Séneca e Plutarco	513
Capítulo XXXIII – A história de Espurina	521
Capítulo XXXIV – Observações sobre os métodos de fazer a guerra empregues por César	531
Capítulo XXXV – Sobre três boas mulheres	543
Capítulo XXXVI – Dos homens mais eminentes	553
Capítulo XXXVII – Da semelhança dos filhos com os pais	563

Capítulo II

Da embriaguez

O mundo não passa de variedade e dissemelhança. Os vícios são todos parecidos, no sentido em que são todos vícios, e talvez seja dessa forma que o entendem os estóicos. Mas embora sejam todos eles igualmente vícios, não são vícios iguais; não é crível que aquele que ultrapassou os limites em cem passos

Quos ultra citraque nequit consistere rectum⁽²³⁾

[além ou aquém dos quais não há caminho recto.]

não esteja em pior condição do que aquele que avançou apenas dez passos a mais, e que o sacrilégio não seja pior do que o roubo de uma couve da nossa horta:

*Nec vincet ratio, tantumden ut peccet indemque
Qui teneros caules alieni fregerit horti,
Et qui nocturnus divum sacra legerit*⁽²⁴⁾.

[Nem me convencerá a razão de que é igual pecado cortar as couves da horta de alguém e roubar à noite o santuário dos deuses.]

⁽²³⁾ Horácio, *Sátiras*, I, 1, v. 102.

⁽²⁴⁾ *Ibidem*, I, 3, v. 115.

Existe tanta diversidade nisto quanto em qualquer outra coisa.

Não distinguir o grau e a grandeza dos pecados é perigoso. Os assassínios, os traidores, os tiranos tiram disso demasiada vantagem. Não é legítimo que a sua consciência seja apaziguada pelo facto de alguém ser ocioso ou lascivo ou ser menos assíduo nas suas devoções. Cada um insiste no pecado do seu companheiro e diminui o seu. Mesmo os educadores classificam muitas vezes erradamente os pecados, na minha opinião.

Assim como Sócrates dizia que a principal função da sabedoria era distinguir entre os bens e os males⁽²⁵⁾, nós, que somos propensos ao vício até nas nossas melhores acções, devemos dizer a mesma coisa sobre a ciência que consiste em distinguir os vícios. Sem essa ciência de veras exacta, o virtuoso e o perverso continuarão misturados e não reconhecidos [pelo que são].

Ora, a embriaguez parece-me, entre os demais, um vício grosseiro e bestial. Noutros, o espírito tem um papel mais importante, e há vícios que possuem qualquer coisa de nobre, se assim se pode dizer. Existem alguns que implicam conhecimento, aplicação, valentia, prudência, habilidade e subtilidade; este é inteiramente corporal e mundano. Assim, a nação⁽²⁶⁾ mais grosseira entre as que existem actualmente é a única que a tem em elevada estima. Os outros vícios alteram o entendimento; este destrói-o e amolenta o corpo:

*Cum vinis vis penetravit,
Consequitur gravitas membrorum, præpediuntur
Crura vacillanti, tardescit lingua, madet mens,
Nant oculi; clamor, singultus, jurgia gliscunt.*

[quando a força do vinho penetrou num homem e no seu ardor se espalhou, disseminando-se pelas veias, sobrevém um peso dos membros, as pernas embaraçam-se ao que cambaleia, a língua entaramela-se, a mente tresvaria, os olhos ficam vidrados, surgem gritos, soluços, rixas, e enfim, todas as outras coisas deste género que acompanham estas⁽²⁷⁾.]

⁽²⁵⁾ Cf. Platão, *Cármides*, XXII.

⁽²⁶⁾ Referência à Alemanha.

⁽²⁷⁾ Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, *op. cit.*, Livro III, vv. 475-481.

A pior condição do homem é quando perde a consciência e o controlo sobre si mesmo. E diz-se a este propósito que, como o mosto que fermenta dentro de um vasilhame traz ao cimo tudo o que está no fundo, também o vinho traz à tona os mais íntimos segredos daqueles que o tomaram em excesso,

*Tu sapientium
Curas et arcanum jocoso
Consilium retegis Lyaeo*

[Tu, com o alegre Lieu,
as angústias dos sábios revelas
e os seus secretos pensamentos⁽²⁸⁾.]

Flávio Josefo conta que extraiu os segredos de um certo embaixador que o inimigo lhe enviara após fazê-lo beber abundantemente. Por outro lado, Augusto confidenciou a Lúcio Pisão – que conquistou a Trácia – os seus assuntos mais pessoais, e nunca se desiludiu; nem Tibério com Cosso, a quem confiava todos os seus planos, embora saibamos que estes dois tinham uma tal tendência para o vinho que foi preciso carregá-los muitas vezes, a um e a outro, ébrios, para fora do senado,

Externo inflatum venas de more Lyaeo.

[As veias, como sempre, inchadas pelo vinho⁽²⁹⁾.]

E com a mesma confiança com que contaram a Cássio, bebedor de água, confiaram a Cimbro a intenção de matar César, embora este se embriagasse com frequência. Donde a divertida resposta que deu: «Devo eu suportar um tirano, eu, que não consigo suportar o vinho!»

⁽²⁸⁾ Horácio, *Odes*, tradução de Pedro Braga Falcão (Lisboa: Cotovia, 2008), III, 21, vv. 14-16.

⁽²⁹⁾ Inspirado em Vergílio, *Bucólicas*, VI, v. 15: *Inflatum hesterno venas, ut semper, Iaccho* (ou seja, Baco).

Vemos os nossos Alemães, afogados em vinho, lembrar-se do seu aquartelamento, da senha e do seu posto

*Nec facilis victoria de madidis, et
Blæsis, atque mero titubantibus*⁽³⁰⁾.

[Nem é fácil vencê-los, cheios de vinho,
com a língua travada e titubeantes.]

Não teria acreditado numa embriaguez tão profunda, tão sufocante, tão semelhante à morte, se não tivesse lido o que se segue nas obras históricas. Átalo, tendo convidado Pausânias para cear com o intuito de ultrajá-lo – o mesmo Pausânias que, por esta mesma razão, matou mais tarde Filipe, rei da Macedónia; um rei que, pelas suas belas qualidades, manifestava a educação que recebera na casa e na companhia de Epaminondas –, fê-lo beber de tal maneira que o levou a entregar a sua beleza, sem disso se aperceber, como o corpo de uma prostituta por entre os arbustos, aos muleteiros e serviçais de baixa condição da casa. E soube de uma senhora que honro e estimo particularmente⁽³¹⁾, a saber, que, perto de Bordéus, para os lados de Castres, onde se situa a sua casa, uma aldeã, viúva, de casta reputação, sentindo os primeiros sinais de uma gravidez, dizia aos seus vizinhos que até pensaria estar grávida se tivesse um marido. Porém, dado que a causa de suspeita crescia de dia para dia, até se tornar por fim evidente, fez anunciar publicamente do púlpito da igreja que, se alguém confessasse ser o autor do facto, ela prometia perdoar-lhe e esposá-lo, se o julgasse bom. Um seu moço de quinta, encorajado por essa proclamação, declarou que a encontrara num dia de festa, em que tomara o seu vinho muito liberalmente, a dormir tão profundamente junto à lareira, e numa postura tão indecente, que se serviu um pouco dela sem a acordar. Vivem ainda hoje, casados um com o outro.

É verdade que a Antiguidade não depreciou muito este vício. Os próprios textos dos filósofos falam dele muito brandamente e, mesmo entre os estóicos, há quem aconselhe a que por vezes se beba muito e se fique embriagado para permitir à alma um certo repouso:

⁽³⁰⁾ Juvenal, *Sátiras*, XV.

⁽³¹⁾ Madame d’Aimar, esposa do presidente do Parlamento, primo de Montaigne.

*Hoc quoque virtutum quondam certamine, magnum
Socratem palmam promeruisse ferunt*⁽³²⁾.

[Diz-se que, também neste concurso, o grande Sócrates ganhou a palma.]

A Catão, esse grande censor e corrector de outros, criticou-se o beber bem,

*Narratur et prisca Catonis
Sæpe mero caluisse virtus.*

[até a virtude do velho Catão – assim se conta – amiúde se aquecia com o vinho puro⁽³³⁾.]

Ciro, esse tão famoso rei, alega, entre outros elogios que fazia a si mesmo para mostrar que era superior ao seu irmão Artaxerxes, que conseguia beber muito melhor do que ele. E nas nações mais bem organizadas e melhor governadas, essa luta em torno de quem bebia mais era muito habitual. Ouvi dizer por Silvius⁽³⁴⁾, excelente médico de Paris, que, para impedir que as forças digestivas se tornassem preguiçosas, era bom, uma vez por mês, despertá-las mediante este excesso e de as estimular para evitar que entorpecessem. E diz-se que os Persas costumavam discutir os assuntos mais importantes depois de beberem.

O meu gosto e a minha constituição são mais inimigos deste vício do que a minha razão, porquanto, além de as minhas crenças se sujeitarem com facilidade à autoridade das opiniões dos antigos, considero que este é de facto um vício indolente e estúpido, embora menos malicioso e nefasto do que os demais, que chocam quase todos directamente com a sociedade em geral. Se não podemos ter prazer sem que isso nos custe alguma coisa, como se costuma pensar, julgo que este vício custa menos à nossa consciência do que os outros; ademais, não é difícil de preparar nem de encontrar, facto que não é de desprezar.

⁽³²⁾ Pseudo-Galo, *Elegias*, I, 47.

⁽³³⁾ Horácio, *Odes*, *op. cit.*, III, 21, vv. 11-12.

⁽³⁴⁾ Jacques Dubois (1478-1555), conhecido por Silvius.

Um homem avançado em idade e dignidade incluía este prazer entre os três que dizia restarem-lhe na vida. Mas fazia dele um mau uso. A delicadeza é algo a evitar neste domínio, assim como a selecção cuidadosa do vinho. Se o vosso prazer depender da bebida agradável, condenais-vos ao sofrimento de ter de beber por vezes [um vinho] desagradável. Há que ter o gosto menos restritivo e mais livre. Para se ser um bom bebedor, não é preciso ter o palato tão delicado. Os Alemães bebem quase todos os vinhos com prazer. O seu objectivo é engolir-los, mais do que degustá-los. E saem-se muito melhor assim. O seu prazer é muito mais abundante e mais ao seu alcance. Em segundo lugar, beber à francesa, em duas refeições e moderadamente, por uma questão de saúde, significa restringir em demasia os favores desse deus. É preciso mais tempo e persistência. Os antigos passavam noites inteiras neste exercício e amiúde lhe acrescentavam os dias. Por isso, temos de dar aos nossos hábitos mais abundância e força. Vi um grande senhor do meu tempo – figura que empreendeu grandes feitos [militares] e teve êxitos célebres – que, sem se forçar, e ao longo das suas refeições do dia-a-dia, não bebia menos de quatro litros de vinho, mostrando-se à saída demasiado sábio e circunspecto para mal dos nossos assuntos. O prazer, ao qual pretendemos atribuir importância ao longo da nossa vida, deve ocupar nela mais espaço. À maneira dos aprendizes de botica ou trabalhadores braçais, não devíamos recusar nenhuma ocasião para beber e ter esse desejo sempre na cabeça. Parece que todos os dias diminuámos o uso desse prazer e que nas nossas casas, como vi na minha infância, os almoços, as ceias e as refeições eram outrora bem mais frequentes e habituais do que hoje em dia. Será que, em certos aspectos, isto constituirá um melhoramento da nossa condição? Decerto que não. Mas o facto é que mergulhámos mais na licenciosidade do que os nossos pais. São duas ocupações que se prejudicam mutuamente no seu vigor. Por um lado, a licenciosidade enfraqueceu o nosso estômago e, por outro, a sobriedade serviu para nos tornar mais galantes, mais corteses para o exercício do amor.

As histórias maravilhosas que ouvi o meu pai contar a propósito da castidade do seu século! Era o homem certo para contá-las, tão bem feito que era, por arte e por natureza, para o serviço das damas. Falava pouco e bem, misturando no seu discurso alguns ornamentos

extraídos dos livros das literaturas modernas, sobretudo espanhóis, e, entre as [obras] espanholas, era-lhe familiar aquela a que chamam *Marco Aurélio*⁽³⁵⁾. A sua atitude era de uma gravidade terna, humilde e muito modesta. Um cuidado singular com a honestidade e decência da sua pessoa e dos seus hábitos, fosse a pé ou a cavalo. Uma extraordinária fidelidade à palavra dada e uma consciência e atenção escrupulosa que pendia mais para a superstição do que para o lado oposto. Para um homem de pequena estatura, era pleno de vigor e de um porte direito e proporcional. Tinha um rosto agradável, para o moreno. Era hábil e excelente em todos os exercícios nobres. Vi recentemente umas canas cheias de chumbo com as quais se diz que exercitava os braços como preparação para o lançamento da barra ou da pedra, ou para a esgrima, e uns sapatos com solas de chumbo para ganhar agilidade na corrida ou no salto. No salto só com impulso, deixou memórias de pequenos milagres. Vi-o, com mais de sessenta anos, rir-se dos nossos exercícios de agilidade, saltar para um cavalo vestido com uma túnica forrada, girar uma mesa no meu polegar, raramente subir aos seus aposentos sem saltar três ou quatro degraus de uma vez. Em relação ao meu tema⁽³⁶⁾, dizia que dificilmente havia, em toda a região, uma mulher de qualidade que tivesse má reputação; falava das relações extraordinariamente familiares, das suas em particular, com mulheres honestas – relações acima de qualquer suspeita. E no seu caso, jurava solenemente que chegara ao casamento virgem. E, no entanto, participara longamente nas guerras transalpinas, das quais nos deixou, pela sua mão, um diário que conta, ponto por ponto, tudo o que aí se passou, quer no que diz respeito aos assuntos públicos, quer acerca dos seus assuntos privados. Casou-se, por isso, numa idade bastante avançada, no ano de 1528 – que era o seu trigésimo terceiro –, quando regressou da Itália. Voltemos às nossas garrafas.

Os inconvenientes da velhice, idade em que há necessidade de se ser apoiado e revigorado, poderiam, com razão, engendrar em mim o desejo de recorrer a esta faculdade [de bem beber], pois é quase o último prazer que o passar dos anos nos rouba. O calor natural, dizem os companheiros festivos, começa primeiro nos pés: é o caso

⁽³⁵⁾ *Marco Aurélio ou o relógio dos príncipes*, obra de António Guevara.

⁽³⁶⁾ Refere-se à castidade.

da infância; daí sobe até à região intermédia, onde fica muito tempo e onde produz, na minha opinião, os únicos verdadeiros prazeres da vida corporal. Em comparação, os demais prazeres estão adormecidos. Para o fim, à maneira de um vapor que sobe e se exala, ele chega à garganta, onde faz a sua última paragem.

Não consigo, porém, compreender como se pode ir ao ponto de estender o prazer de beber além da sede e imaginar um apetite artificial e contranatura. O meu estômago não iria tão longe; já tem bastante trabalho em absorver aquilo de que necessita. A minha constituição é tal que não me preocupo em beber senão para empurrar a comida; e, por essa mesma razão, o último copo que bebe é quase sempre o maior. Anacársis espantava-se com o facto de os Gregos beberem no fim da refeição em copos maiores do que no início. A razão, penso eu, era a mesma dos Alemães, que começam nesse instante a lutar para ver quem bebe mais. Platão proíbe as crianças de beber vinho antes dos dezoito anos e de se embriagarem antes dos quarenta; no entanto, aos que passaram os quarenta, ordena que se comprazam a fazê-lo e que dêem amplo lugar, nos seus banquetes, à influência de Dioniso, esse deus bom que restaura nos homens a alegria e a juventude nos velhos, que suaviza e amolece as paixões da alma, como o ferro é amolecido pelo fogo; e nas suas *Leis* considera úteis as assembleias reunidas para beber, na condição de haver um chefe de grupo para os controlar e regular, sendo a embriaguez uma forma adequada e segura de sentir a natureza de cada um e ao mesmo tempo própria para dar às pessoas de idade a coragem de se alegrar com as danças e a música, coisas úteis e que não ousam empreender no seu estado normal. Acrescenta que o vinho é capaz de dar à alma a moderação e ao corpo a saúde. Por outro lado, agradam-lhe as seguintes restrições, tomadas, em parte, aos Cartagineses: «que se faça uso dele com parcimónia nas expedições militares; que todo o magistrado e juiz dele se abstenha no momento em que cumpre os deveres do seu cargo e deliberar acerca dos assuntos públicos; que não se o utilize de dia, tempo devido a outras ocupações, nem à noite, que se destina a fazer filhos.»

Diz-se que o filósofo Estilpo, vergado pela idade, apressou voluntariamente o seu fim bebendo vinho puro. Causa semelhante, mas sem que fosse intencional, sufocou igualmente as forças já abatidas pela idade do filósofo Arcesilau.

Mas é uma velha e divertida questão, a de saber se a natureza da alma do sábio cede à força do vinho,

Si munitae adhibet vim sapientiæ.

[e deita abaixo a fortaleza dessa tua sabedoria⁽³⁷⁾.]

A vaidade a que nos alçamos pela boa opinião que temos de nós! A alma mais bem regulada do mundo já tem demasiado que fazer para se manter de pé e velar para que não seja arrastada pela sua própria fraqueza. Não há uma em mil que seja recta e estável um único instante da sua vida; e seria caso para perguntar se, segundo a sua condição natural, ela alguma vez o conseguiria. Mas juntar à alma a constância é dar-lhe a sua suprema perfeição; quero dizer, quando nada a perturbasse, como mil acidentes o podem fazer. Lucrécio, esse grande poeta, por muito que filosofe e se autodiscipline, não consegue impedir-se de ficar louco por um afrodisíaco. Alguém pensará que uma apoplexia não atordoaria tanto um Sócrates quanto um carregador? Uns esqueceram mesmo o seu próprio nome sob o efeito de uma grave doença, e uma ferida ligeira perturba o juízo noutros. Seja ele o mais sábio que puder, mas será sempre um homem: o que há de mais vulnerável e de mais insignificante? A sabedoria não domina as nossas limitações naturais:

*Sudores itaque et pallorem existere toto
Corpore, et infringi linguam, vocemque aboriri,
Caligare oculos, sonere aures, succidere artus,
Denique concidere ex animi terrore videmus.*

[Já quando a mente é gravemente perturbada por um medo mais violento, percebemos que toda a alma participa, no corpo, desta emoção, e é assim que surgem os suores e a palidez em todo o corpo, que a língua se entaramela e a voz nos falha, os olhos se enevoam, os ouvidos retinem, as articulações soçobram e, enfim, vemos por vezes os homens caírem em terra⁽³⁸⁾.]

⁽³⁷⁾ Horácio, *Odes*, *op. cit.*, III, 28, v. 4.

⁽³⁸⁾ Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, *op. cit.*, Livro III, vv. 152-157.

[O sábio] não deixa de piscar os olhos diante de um golpe que o ameaça. Se for colocado à beira de um precipício, não pode impedir-se de tremer como uma criança. A natureza reservou para si estas marcas ténues da sua autoridade, inexpugnáveis à nossa razão e à virtude estóica, para lhe mostrar o seu carácter mortal e a nossa debilidade. Empalidece de medo, enrubesce se sente vergonha; lamenta-se sob o ataque de uma forte cólica renal, senão com uma voz desesperada e clamorosa, pelo menos com uma voz trémula e enrouquecida,

Humani a se nihil alienum putet⁽³⁹⁾.

[que pense que nada de humano lhe é estranho.]

Os poetas, que inventam tudo à sua vontade, nem mesmo das lágrimas ousam isentar os seus heróis:

Sic fatur lachrymans, classique immittit habenas.

[Assim fala {Eneias}, coberto de lágrimas, e solta rédeas à frota⁽⁴⁰⁾.]

Que se contente em refrear e moderar as suas inclinações, pois não está em seu poder suprimi-las. Até o nosso Plutarco, juiz tão perfeito e excelente das acções humanas, se perguntou, ao ver Bruto e Torquato matar os filhos, se a virtude podia ir até esse ponto, e se essas figuras não tinham sido antes arrastadas por outra paixão qualquer. Todas as acções fora dos limites habituais estão sujeitas a uma interpretação desfavorável, pois o nosso gosto não se harmoniza mais com o que está acima do que com aquilo que está abaixo dele.

Deixemos de lado a seita⁽⁴¹⁾ que professa formalmente o orgulho. Mas quando, na seita considerada a mais branda, ouvimos estas bravatas de Metrodoro⁽⁴²⁾: «*Occupavi te, Fortuna, atque cepi; omnesque aditus tuos*

⁽³⁹⁾ Terêncio, *Heutontimouroumenos*, acto I, cena 1.

⁽⁴⁰⁾ Vergílio, *Eneida*, tradução de Carlos Ascenso André (Lisboa: Cotovia, 2020), Livro VI, v. 1.

⁽⁴¹⁾ Referência aos estóicos.

⁽⁴²⁾ Filósofo da escola epicurista.

interclusi, ut ad me aspirare non posses.»⁽⁴³⁾ [Invadi o teu espaço, Fortuna, conquistei-o, e bloqueei todas as vias, de modo a que te não fosse possível aproximar-te de mim.]; quando Anaxarco⁽⁴⁴⁾, por ordens de Nicocreonte, tirano de Chipre, deitado numa tina de pedra e batido com um pilão de ferro, não parou de dizer: «Batei, batei, não é Anaxarco, mas o seu invólucro que amassais»; quando ouvimos os nossos mártires gritar ao tirano no meio das chamas: «Está suficientemente assado deste lado, cortai e comei, está cozinhado; recomeçai do outro lado»⁽⁴⁵⁾; quando lemos no livro de Josefo⁽⁴⁶⁾ essa criança, despedaçada pelas tenazes cortantes e perfurada pelas lanças de Antíoco, desafiá-lo ainda gritando com uma voz firme e segura: «Tirano, perdes o teu tempo, vê como estou tranquilo; onde está essa dor, onde estão essas torturas com que me ameaças? Só conheces estas? A minha firmeza atormenta-te mais do que sinto a tua crueldade; ó patife cobarde, confessa-te vencido e torno-me mais forte; faz-me gemer, verga-me, faz-me pedir misericórdia, se conseguires; anima os teus esbirros e os teus carrascos; ei-los falhos de coragem, sem poder mais; arma-os, incita-os!»; [quando ouvimos estas coisas], temos de admitir que nestas almas há algo de desconcertante e uma certa loucura furiosa, por muito santa que seja. Quando nos deparamos com certas máximas estoicas como: «prefiro ser louco a devasso», dito de Antístenes⁽⁴⁷⁾, *Μανείειν μᾶλλον ἢ ἡσθεΐειν*; quando Sexto⁽⁴⁸⁾ nos diz que prefere ser picado pelo ferro da dor do que pelo do prazer; quando Epicuro tenta fazer-se acariciar pela gota, e, recusando o descanso e a saúde, desafia as doenças de coração alegre; quando despreza as dores mais violentas e desdenha lutar contra elas e as combater, convida e deseja as cores fortes, agudas e dignas dele,

*Spumantemque dari pecora inter inertia votis
Optat aprum, aut fulvum descendere monte leonem,*

⁽⁴³⁾ Bravatas citadas por Cícero, *Diálogos em Túsculo*, *op. cit.*, Livro V, IX, 27.

⁽⁴⁴⁾ Filósofo de Abdera, discípulo de Demócrito.

⁽⁴⁵⁾ Palavras de São Lourenço citadas em Prudêncio, *Peristephanon*, hino II.

⁽⁴⁶⁾ *História dos Macabeus*, VIII.

⁽⁴⁷⁾ Fundador da escola cínica.

⁽⁴⁸⁾ Sexto Empírico, filósofo da escola céptica.